

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

PROPRIETARIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e comunicados 50 » » »
Repetições 25 » » »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

SOBRE A AGRICULTURA

A agricultura ingleza offerece-nos hoje o espectáculo de immensas pastagens, e d'alguns campos de cereaes como perdidos no meio d'ellas.

A França era quem outr'ora a surtia, e por isso os seus agricultores vendo o preço excessivo que os cereaes obtinham, começaram a arrotêa das terras destinadas aos pastos, e a continuaram o mais que lhes foi possível, e por fim arrotearam o terreno dos matos e dos bosques.

D'este modo a França que no começo do seculo XVII produzia 90 milhões de hectolitros de trigo, viu diminuir a sua produção no meio do seculo XVIII até 60 milhões depois de atravessar crises e fomes.

Em 1875 o algarismo medio das suas exportações era de 750.000 hectolitros, o que apenas representa o excedente de quatro dias sobre o consummo de um anno.

Seguia a Inglaterra exactamente o contrario; no seculo XVII a extenção dos campos, que produziam os estrumes, eram com pouca differença igual á d'aquelles que os consumiam.

Reconhecendo ainda a insufficiencia dos estrumes assim obtidos não duvidaram de augmentar as culturas forraginosas: dois terços das terras foram reduzidas a esta cultura e sómente um terço applicado aos cereaes: e o resultado foi que a produção d'estes foi maior pela abundancia dos adubos: e o augmento dos gados duplicou os valores agricolas.

Na Inglaterra arroteou-se tambem, mas foi para augmentar a área das pastagens.

Muitos senhores, em cujas propriedades existiam aldeias de colonos, não tendo outro meio de desapossal-os, mandaram lançar o fogo ás suas habitações, e a isto se chamou fazer clareiras. Livres os dominios por este meio selvagem de tantos habitantes, e tornada desnecessaria a cultura dos cereaes, não mais se cuidou ahi que de hervas e de gados.

E lá os agricultores se applicaram ainda a um methodo d'engorda que consiste em crear raças precoces que depressa engordam d'onde resulta que podem entregar todo o anno aos talhos um quarto das cabeças, o que tambem augmenta prodigiosamente a quantidade de materias primas, lãs, pelles, etc.

Esta agricultura pelo estrume será util ao nosso paiz durante a transição da má para a boa e da boa para a excellente, mas não a aconselhamos para sempre. A chimica agricola analysando os solos, os subsolos, a atmosphera, as aguas superficiaes e subterraneas, as plantas, os productos animaes, mostrou que o estrume por mais rico que seja só contém uma parte das substancias que constituem as forragens, e que a outra é exportada sob a fórma de ossos, lã, carne, leite, etc., e que portanto a agricultura sómente alimentada pelo estrume deve ser uma agricultura esgotante.

As massas de phosphatos, de potassa, etc., que as culturas

roubam annualmente á terra, é força restituir-lhas, porque o estrume não é um adubo completo.

As agoas as fornecem em parte a atmosphera: mas nada d'isso é sufficiente, é preciso dotar os solos com os sulphatos, os carbonatos, os phosphatos, os alcalis: e as materias azotadas.

Esperar que os estrumes as forneçam completamente é uma illusão, porque a cultura os vai extinguindo: os elementos que é mister restituir aos solos não se encontram nos corraes das granjas na quantidade necessaria a uma produção rendosa.

Os estrumes ahi fabricados não restituem ás terras completamente o que as culturas successivas lhes vão roubando, os phosphatos, os sulphatos, os alcalis, etc., das quaes dependem os bons productos e a conservação da força productiva.

Um dos maiores cuidados do nosso governo devia ser impedir por todos os modos indirectos a exportação das substancias mineiras, como a phosphite, as quaes, convenientemente preparadas se tornam adubos de maxima importancia.

Convinha tambem ensinar e do modo mais pratico, a composição das terras, dos adubos e das plantas, e derramar a instrucção agricola por meio de publicações gratuitas e escriptas n'uma linguagem accessivel aos lavradores mais rudes e ignorantes.

Outro ponto de vista de muito alcance em economia rural, ao qual nenhum agricultor deixará de attender, é o seguinte:

Nos solos certas substancias abundam, outras escasseiam, mas todas essenciaes á vegetação e á vida animal.

Por exemplo: entre as que abundam, conta-se o carbone, e entre as que são escassas, o phosphoro.

E' pois evidente que se das granjas sahirem productos, que se componham principalmente da primeira, e que se vendem bem e com vantagem, se gastará muito menos em adubos, alvo de toda a economia rural, do que se forem vendidos os productos, que contem a segunda, e que, por esta ser escassa, exigem a sua restituição ao solo, e portanto os adubos mais caros.

Sendo assim annexando aos estabelecimentos agricolas as industrias, cujos productos, como o alcool, a manteiga, os oleos, o asucar, etc., se compõem principalmente de carbone, e cujos residuos, servindo para adubos e ainda para a engorda do gado, restituem no todo ou em grande parte, as outras substancias mais raras e de mais valor como o phosphoro, se conserva a fertilidade ao mesmo tempo que se augmenta o rendimento.

Para que os nossos agricultores se determinem á creação d'essas industrias é preciso que se estabeleçam as escholas praticas onde se habilite o pessoal que ellas demandam.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

Escola Movel Agricola

Conde de Succena

Hoje, terá logar por uma hora da tarde, no theatro, a sessão solemne, inaugurando a fundação d'uma nova escola, n'esta villa—**A Escola Movel Agricola Conde de Succena**,—de que é propagandista incansavel o nosso collega sr. Bento Carqueja, illustre director d'O Commercio do Porto.

Esta noticia trouxe aos Ovarenses extraordinario contentamento por verem a sua terra dotada com um melhoramento, sob todos os aspectos, importantissimo, e a data d'hoje, ficará, como outras, que assignalam factos de ordem humanitaria e altruista, indelevelmente gravada na memoria e no coração de todos nós que a transmittiremos aos vindouros e d'ella fallaremos sempre com a mesma alegria que hoje esvoaça de nossos labios ao pronunciarmos aquellas palavras acima inscriptas que eternisam um estabelecimento onde se aprenderá a conhecer a hodierna força de beneficiar os nossos campos.

Em verdade, as terras onde se acham installadas, já as escolas moveis agricolas Conde de Succena, têm obtido os seus ensinamentos resultados grandiosos, por virtude de se ter applicado ao preparo do adubo dos campos os processos novos por ellas preconizados, e é sabido, como ahi, a agricultura se tem desenvolvido e progredido, e os seus efeitos reflectem-se enormemente na industria, imprimindo-lhe mais franco e amplo movimento, d'onde se infere a necessidade de proteger a agricultura, pois esta «é, com effeito a primeira das industrias portuguezas a primeira e a mais importante, pelos braços que occupa, pelas energias que exgota e pelos elementos que produz para outras industrias».

As escolas moveis agricolas têm, como todos os estabelecimentos d'onde promanam phylantropia e altruismo, o seu fundador: O fundador d'estas escolas é o Snr. Conde de Succena.

Seria temeridade fallar, n'esta simples local, do benemerito, cujos sentimentos não sido postos em destaque por pennas abalissadas, se não fôra a consolação que inunda a nossa alma e a qual desejamos tornar conhecida do eminente patriota.

Na sua elevada comprehensão de suavisar a aspera condição da grande maioria, que soffre, deuse a iniciativa de fazer irradiar por todo o paiz a luz bemdita da sua santa alma, rompendo o rotineirismo, que escravizava o camponez curvado sobre a charrua do alvorecer ao anoitecer, lançando ao acaso, a semente á terra e amanhando esta, segundo as vetustas usanças, esperando no que a estação lhe recompensava—e a estação recompensava-o com magras colheitas e atrásos na vida. Na mesma area de terreno, d'anno para anno ou d'estação para estação, a produção, longe de augmentar, decrescia,—e rotineiro, obscurecido pelo analfabetismo, continuava a empregar a mesma forma de cultivo.

A agricultura hoje tem ideias

mais largas, concepções bem mais grandiosas; o lavrador hoje quer chegar a fazer o solo, a provocar as estações e o clima, a aquecer o ar e a terra, em volta da tenra planta, a produzir, em summa, n'um hectare o que outr'ora não era possível colher em 50 hectares; e isso sem se fatigar com excesso, reduzindo muito a somma total do trabalho anterior.

O nobre Conde de Succena, derramando a flux a sua benemerencia pelo paiz, fixando nos pontos de população mais densa, as escolas moveis agricolas, conseguiu o desideratúm alvejado com o emprego de processos actuaes á industria agricola, pelos quaes se obtem não só o trigo, o milho, e os legumes necessarios, mas tambem todos os fructos de luxo, em quantidades sufficientes para a população urbana e rural.

Nos grandes estabelecimentos industriaes ha processo já em vigor para extrahir o carvão e os mineraes das entranhas da terra para obter e polir o aço, fabricar o que serve de vestuario, etc., e assim comprehender que poderiamos já quadruplicar nossa produção e economisar-nos trabalho; e na agricultura o campo, como o manufactureiro, *posse já*, os meios de quadruplicar, senão de decuplicar, sua produção, o que poderá conseguir, procedendo á organização societaria do trabalho—transformando e substituindo a cultura extensiva pela cultura intensiva, qual é a tendencia moderna, tão bem pronunciada e verificada nos hortelões de Paris, de Troyes, de Rouen, jardineiros inglezes e flamegos, cultivadores de Jersey e Guernesey e das ilhas Scilly, que nos abriam horizontes tão largos, que a vistaos não pode abraçar.

E eis o fim primordial a que visam as escolas moveis agricolas instituidas pelo preclaro benemerito Conde de Succena.

Pela sua obra tão sympathica o tão humanitaria, damo-nos a liberdade de depór nas mãos do incomparavel benemerito o nosso cartão de agradecimentos e felicitações pelo melhoramento com que legou ao nosso concelho.

A PÓDA E A SEIVA

NOS POMARES

REGRAS GERAES

- 1.º O fim principal a que visam as operações da póda é tornar as arvores productivas em todos os seus ramos com fructos de igual volume.
- 2.º Para isto é preciso equilibrar-as, isto é, conseguir que as hastes verticaes e os ramos de cada haste se achem nas mesmas condições de vegetação.
- 3.º Os fructos de ramos torcidos, cobertos de nós, são apedrados, e sem sabor, enfesam, gretam, e cahem.
- 4.º Nunca produzirá bem a arvore esgotada por podas curtas e amudadas.
- 5.º As flores não apparecem

senão nos ramos mais debeis—mas é um erro concluir d'ahi como regra e enfraquecer as arvores para obter as flores.

6.º Convém sómente enfraquecer os ramos onde desejamos que estas appareçam: porque assim teremos uma arvore com flores por toda ella e ao mesmo tempo, com a saude, e a seiva indispensaveis a fructos saborosos e bem desenvolvidos.

7.º A haste vertical deve ser forte, e os ramos lateraes fracos em relação a esta, mas de igual vigor uns em relação aos outros.

8.º A duração, o volume, e a qualidade dos fructos dependem da igual e facil distribuição da seiva; quando um lado da arvore é forte, e o outro debil, este cobre-se de fructos, e aquelle não produz.

9.º Sendo as amputações feitas muito rentes aos troncos as necroses e cicatrises, que d'ahi resultam, são um obstaculo á passagem ascensional da seiva, e á descida do cambium, a outra corrente das arvores: a vida d'estas é breve, e os fructos imperfeitamente nutridos, pequenos, e sem gosto. As pódas curtas dão motivo á má fructificação e ás molestias.

10.º Excepto para a restauração das velhas arvores deve-se evitar sempre os grandes côrtes.

11.º É um erro esfolhar toda a arvore—sem folhas os ramos não crescem nem funcionam, e os vasos da seiva obliteram-se.

12.º Cada gomo desenvolvendo-se dá nascimento a uma raiz, mas o côrte do ramo não destroe a raiz, vigorosa, já existente, que armada de numerosos spongiolos absorve com avidéz na terra, e envia uma grande quantidade de seiva ao ponto, onde o ramo foi mutilado, e ahi em vez de um sarmento nasce quatro ou cinco.

13.º D'onde se vê que ao antigo methodo d'equilibrar as arvores, que consiste em cortar 3/4 dos rebentos de cada anno e em deixar curtos os ramos fortes e cumpridos os ramos fracos, é preferivel o que para o mesmo effeito, isto é, para obter o equilibrio, recorre ás inclinações conservando todo o producto da vegetação.

14.º Como a seiva tende sempre a subir e se arroja com violencia para todas as partes verticaes, se dois ramos differem de vigor, inclina-se para o chão o mais vigoroso, e aproxima-se da vertical o que o fór menos e antes de junho estarão iguaes.

15.º Envolvendo os ramos fortes com palhas ou pannos, tira-se-lhes a luz, sem o que não se modifica a seiva de um modo conveniente á nutrição: por este meio se consegue tambem enfraquecel-os.

16.º Os gomos conservados desenvolvem novas raizes, e estas fabricam mais seiva especialmente destinada a elles e ao ramo fraco onde nascem.

17.º Borrifando as folhas do ramo, fraco com sulfato de ferro, o estrume liquido é assimilado logo que se emprega, e o ramo fará nascer uma raiz correspondente, como já dissemos: portanto é evidente que se obterá o fim pretendido empregando o sulphato de

ferro, e estrumando junto ao tronco do lado que corresponde á parte debil da arvore.

18.^a O sulphato dissolvido em agua (duas grammas em um litro) applica-se depois do sol posto: a agua terá a temperatura da athmosphera.

19.^a As entalhas, feitas com o serrote nas arvores de pevide e com a podôa nas arvores de carço, são meios efficazes de augmentar ou diminuir em um dado ponto a corrente da seiva: a corte é obliqua, e toma a figura de um triangulo—dá-se com o vertice para o chão quando feito por baixo do ramo que se deseja enfraquecer, e com o vertice para cima quando feito superiormente á junção do ramo fraco com a haste.

20.^a Supprimem-se alguns fructos nos ramos fracos e conservam-se todos ao ramo forte, e quando seja preciso augmental-os, enxertam-se os seus gomos, e assim se evita mutilarem a arvore para restabelecer o equilibrio.

21.^a Cortam-se algumas das folhas maiores ao ramo forte e o seu crescimento afrouxa: mas não se usa d'este modo senão com muita prudencia e nas arvores de grande vigor.

22.^a As pódas curtas fazem desenvolver rebentos vigorosos, os longos gomos que fructificam—por isso cortam-se compridos os lançamentos das hastes, e só se cortam curtos: 1.^o quando a arvore adquiriu todo o seu desenvolvimento; 2.^o quando as hastes estão cheias de ramos productores; 3.^o quando a arvore está cançada, em consequencia de abundantes productos, ou de podas curtas successivas.

33.^a N'este caso, a arvore, sem novos rebentos, também não adquiere novas raizes, e para obtel-as é preciso deixal-os sempre compridos.

24.^a Os tecidos vegetaes teem a facultade de absorverem uma certa quantidade d'agua, especialmente as raizes: mas não é só por estas, é também pelas folhas, que se faz a absorção, quando a athmosphera se acha muito humida, e a terra muito secca:

26.^a Se o ar é mais secco e quente que o solo, absorvem as raizes a agua, e esta contendo varias substancias em dissolução sobe ás folhas sob a forma de seiva, especie de goma nutritiva—e então as folhas exhalam pela sua face inferior o excesso do liquido desnecessario á vida da planta.

Se a athmosphera é humida e o solo secco, a seiva desce.

Eis duas correntes inversas. 26.^a Por onde sobe a seiva? E' questão entre botanicos. Chegando ás partes verdes, em contacto com o ar exterior fixa o carbone sob a acção da luz, que decompõe o acido carbonico, e mais espessa desce das folhas para os ramos tomando o nome de *Cam-bium*.

A causa, a que deva atribuir-se a supposta circulação da seiva não é bem conhecida: cremos até que esta não tem movimento algum periodico ou regular: sobe ou desce em virtude de certas condições do ar e do solo, condições que não são as mesmas para todas as especies.

A irratabilidade dos tecidos, a lei d'equilibrio entre os liquidos, a capillaridade, o calor, a evaporação, a luz, a electricidade, determinam o seu movimento, mas não de uma forma constante, que possa assimilar-se á circulação do sangue.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

CHRONICA D'ESMORIZ

«Olh'o marco do mar!!»

(Continuação)

A Junta de Parochia d'Esmoriz foi censurada por ter confiado demasiadamente na... seriedade da de Cortegaça e pôr, á cautela, não ter posto em juizo as acções dos embargos, enquanto decorreriam as negociações do accordo. Julgamos essas censuras injustas e até nos parece que os seus auctores, se andassem mettidos no caso, não procederiam d'outro modo. E senão, vejamos. Aquelles embargos foram feitos entre 13 e 14 de Fevereiro e a meação do ex.^{mo} snr. dr. Soares Pinto deu-se logo a seguir, sendo por s. ex.^a designado o dia 20 para a conferencia que na Costa teve com os dois parochos. Se nessa conferencia se não fizesse o accordo ou se della todos se retirassem sem esperanza d'elle vir a ser feito, o tempo que desse dia ia até 13 ou 14 de Março, era mais que sufficiente para se proceder a esses trabalhos.

Mas, como é por demais sabido todos sahiram della com a certeza de que o accordo se fazia e de que a questão entre as duas freguezias era uma questão morta.

Ora, realisado esse accordo e tendo elle sido proposto ás duas partes contendoras pelo ex.^{mo} sr.

os deuses me concederam, e hei-de condemnar ao repouso os sentidos de que me dotaram? Mesmo os sabios, não são nem perfeitos, nem sempre felizes; mas têm a superioridade de não se inquietarem com os vãos terrores da superstição e da morte.

Pelo que venho de narrar se vê que a philosophia d'Aristippo não é tão immoral como se quiz fazel-a, não é um codigo de sensualidades, como o pretendem os seus detractores; os seus principios, em harmonia com a razão e as necessidades do homem, estão longe de merecerem os violentos ataques de alguns philosophos melancolicos e cançados, que, não podendo gosar, nem tendo alma para o goso, querem amoldar todos os outros á sua imagem.

Não desenvolverei mais o seu systema philosophico; os que desejarem estudal-o a fundo e conhecer todos os seus detalhes, deverão obter as diversas obras d'Aristippo, das quaes eis os titulos: Os Censores—Os Criticos—Os Escravos—Os Fugitivos—O Mendigo—Do Copeiro—O Sonho—O Naufragio—Hermias—Porus—Artabaze—Philomela.

Eu não devia fallar da ultima porque o seu assumpto me diz respeito. Está cheia de delicados elogios e de epigrammas muito mordentes; contem muitas considerações tão curiosas como interessantes sobre a situação da mu-

dr. Soares Pinto e por ellas aceite, era porventura de esperar que os de Cortegaça viriam a faltar á palavra dada? Não por certo. Logo, não se diga que a Junta d'Esmoriz andou de bem no caso. Ella procedeu, como outra qualquer no seu lugar procederia. O seu procedimento, pois, não devia surpreender a ninguém. O que devia surpreender e deveras surpreendeu foi o procedimento que a de Cortegaça teve para com ella e para com o illustre cavalheiro que nesse accordo interveio.

E essa surpresa subiu de ponto, quando constou que alguém da mesma freguezia de Cortegaça se rira da partida pregada aos d'Esmoriz.

Sim, porque não se atina com a explicação d'um tal procedimento. Rirem-se pelos seus terem faltado ao cumprimento da sua palavra! Isso só de inconscientes e por tanto irresponsaveis, ou de quem tem a consciencia bastante calejada e é um mau caracter. O que esses individuos deviam fazer ao ter conhecimento do facto, era chorar ou cobrir a cara de... vergonha!

Sim, meus senhores, porque os homens que se presam e que tem n'alguia conta a sua dignidade e o seu bom nome, não faltam á sua palavra. E, quando o fazem, forçados pelas circunstancias, não se riem, choram lagrimas amargas, porque sabem que os verdadeiros homens de bem costumam ser escravos da sua palavra e honral-a apesar de todos os pesares. Quebram, mas não torcem.

Se alguém tinha motivos para rir-se, esse alguém eram os d'Esmoriz que sahiram da contenda com a consciencia tranquilla e socegada por terem cumprido até ao fim os seus deveres e honrado a sua palavra dada.

Se alguém sahio da contenda com a alma denegrida e com as roupagens enodoadas de lama, esse alguém não foram elles.

E hoje a sua alegria e a sua satisfação sobe de ponto, porque o mar veio em seu auxilio e, pondo o marco da contenda a descoberto acabou de convencer os mais incredulos de que os lesados com o accordo proposto e aceite eram os d'Esmoriz. Temos a certeza de que foram a causa desse accordo gorar, se roerem de raiva no dia em que elle appareceu!

Sempre o mar lhes prégoû uma pirraça! E o que deveras tem causado espanto, é que o maganço, depois de pôr aquelle marco ao léu, se quedou e... foi embora, parecendo dar a entender que, feito isso, estava cumprida a sua missão! Não resta duvida. O alheio

lher, a sua occupação no gyniceu, ácerca do seu espirito, frivolidades, perfidios, etc., etc.; é intitulada:—Lais e o seu Espelho.

E agora que já conheceis os principios d'Aristippo, eu vos contar algumas das numerosas anedoctas de que a sua vida está semeada.

II

Nascido n'abundancia, Aristippo habituou-se desde a infancia ao bem estar; gosta dos trajos luxuosos, das mezas delicadamente servidas, das flores e dos perfumes. Diz que é infinitamente preferivel, para si e para os outros, o vestir bem, o esmero na limpeza, a cobrir-se de andrajos pouco limpos; o alimentar-se bem, quando é possivel, a supportar a fome ou tomar alimentos grosseiros e indigestos. Tudo isto é razoavel e a maior parte do mundo comunga as mesmas ideias.

E' sem contestação, um dos mais bellos espiritos, um dos homens mais amaveis, mais generosos da Grecia; a sua fecundidade em ditos espirituosos e frisantes passou em proverbio. Ninguém melhor conheceu e praticou a arte de conformar-se ao tempo, aos lugares, ás circunstancias e ás vicissitudes da fortuna. O amor e as impressões agradaveis e delicadas prehenchem quasi a sua vida; as suas affeições são tão variaveis como ternas; mas é um

clama pelo dono e a Providencia ás vezes escreve direito por linhas tortas... O que é certo é que a ruptura do accordo foi verdadeiramente providencial para a Junta d'Esmoriz! Ai! que sorriada a esperava, se elle tivesse ido por deante! E os seus não lhe fariam do corpo um bombo?

Assim... que as justicas julguem e que por sua ordem seja o marco repostos, onde estava e d'onde não devia ter sido retirado... Ora quando esse facto se der, os d'Esmoriz terão razão para dizerem, como dizem os francezes: *rira bien qui rira le dernier!*

E agora não avançaremos sem deixar aqui um parentheses necessario.

Temos ouvido lançar ás costas do snr. abbade de Cortegaça as responsabilidades da ruptura do accordo.

Não concordamos com isso, porque S. Rev.^a entrou nas negociações desse accordo e em todos os seus antecedentes e consequentes dizendo-se auctorizado pela Junta da sua presidencia. Portanto, se rompeu o accordo, foi, porque ella a isso o obrigou. Toda a gente soube que S. Rev.^a assistiu com o seu collega d'Esmoriz á collocação dos marcos, dizendo-se auctorizados pelas suas Juntas. Pois a da sua freguezia obrigou-o a ir no dia 18 assistir ao seu arrancamento por ella levado a cabo. Quanto isso lhe havia de custar!

Emfim, vá a responsabilidade a quem toca. Se as duas corporações litigantes vierem a gastar dinheiro e a ter muitos trabalhos e canceiras por não ter alli acabado aquella maldada questão, se do facto resultarem conflictos e inimizados entre os dois povos vizinhos e... amigos, a culpa ha-de cair inteira sobre os que rasgaram o accordo feito e sobre os que de traz da cortina vem enrevando tudo, estragando tudo e entravando tudo só para levarem por deante os seus caprichos pequeninos e as suas vaidades de... creanças.

Pese sobre elles toda a responsabilidade do caso e não sobre o parochio que nada mais fez que... ceder ás suas imposições ou ás suas ordens.

O seu procedimento, pois, pode inspirar dó, mas não merece castigo... E inspira dó, porque elle que na sua vida quer publica quer particular nunca faltou á sua palavra e foi sempre um homem de bem, merecendo por isso os respeitos de todos, viu-se neste caso

forçado a desviar-se do can que sempre trilhou.

Mas ainda assim nós no s'logar ter-vos-hiamos afastado dito aos taes mandões: «actos, como estes, podem ficar bem aos senhores, mas a mim não. Por isso... fiquem em paz e com a... responsabilidade real delle!» E, fechando o parentheses, prosigamos.

(Continúa).

Zé Petinga.

RECEITA D'UMA BRUXA

(Versos recitados por uma menina na distribuição de premios que no dia 6 teve logar na escola de S. Francisco de Sales, d'Esmoriz.)

Duma vez era uma bruxa
Muito velha e rabugenta.
Conheci-a muito bem
Tinha até pellos na venta!

Alta e magra, muito feia,
Tinha os olhos incovados.
O nariz—Deus me defenda!—
Valia por dois pegados!

E então tinha uns buracos,
Que, se o que eu digo, assim é,
Levavam bem á vontade
Dois arrateis de rapé!

Não tinha senão um dente,
A servir de sentinella.
A' entrada d'um buraco
Que par'cia a bocca d'ella.

Cara suja, encasquilhada,
De muito má catadura.
E, quando ella punha os oculos!
Isso é que era uma figura!

Era feia, como um bóde
E vestia de maneira,
Que não podia negar
Que era bruxa ou benzedeira.

A gente, quando a via
Pela rua a manquejar,
Logo dizia baixinho:
Onde irá ella talhar?

Eu nunca quiz crêr em bruxas
Nem mesmo por brincadeira,
Mas um dia ella enredou-me
E eu cahi na ratoeira!

«O' Rosinha (disse-me ella,
Dando-me na cara um beijo)
«Tu andas muito amarella:
«Com certeza tens arejo!

e que os tres nos fariam ricos e felizes.

—Aqui tens os tres saccos, sê rico e feliz.

E continuou o seu caminho sem ligar outra importancia senão a de ter, feito mais um feliz.

Entre as pessoas que presenciaram este acto de liberalidade, uns diziam:

E' ostentação.

Outros.

—E' demencia:

—E' ainda outros:

—E' incrível.

E eu digo:

E' uma bella acção inspirada por uma alma nobre.

Uma outra passagem que foi deturpada e que eu retifico por que a soube d'Aspasia, muito affeiçoada a Socrates.

Aristippo, informado por Xantippa da indigencia de Socrates, mandou-lhe immediatamente uma somma consideravel, que lhe foi reenviada com estas palavras:

—«Não costume fazer pagar as minhas lições.»

Esta resposta affectou dolorosamente Aristippo, que logo o procurou para desculpar-se d'este modo:

Mestre, longe de ti a ideia da menor offensa da parte do teu discipulo: Xantippa expoz-me as tuas precarias circunstancias e eu julguei um dever alliviar-te. Aristippo pôde ter muitos defeitos, mas o da incivilidade, nunca! Ferir o

FOLHETIM

NOITES DE CORINTHO

por Deby

Os Serões de Lais

IX

No ultimo folhetim onde se lê—no prazer na e dor—deve ler-se—no praser e na dor. Onde se lê—que me honraes com a presença, etc. deve ler-se—que me honraes com a vossa presença etc. Onde se lê—rejeido—deve ler-se—rejeitado.

A verdadeira philosophia é a que ensina a viver exempto de paixões tristes e de desgostos; a maneira de conseguir esta felicidade contêm-senos seguintes axiomas:—Evitar os excessos em tudo, saber reprimir as paixões, ser senhor e não escravo d'ellas; emfim, combater victoriosamente todas as influencias que passam afastar o homem do fim que deseja attingir. Eis realmente a verdadeira philosophia. Então, porque não hei-de saborear este vinho excellente que me offerece uma joven coroada de rosas, este delicioso thasos que alegra o meu espirito e aviva o meu coração? Por que hei-de desprezar os dons que

«Queres tu? Anda comigo
«Que eu te faço uma resinha
«E depois tu has-de vêr
«Como ficas córadinha.»

Minha mãe não gosta d'isso,
Disse-lhe eu, cheia de medo)
«Has-de vir (repisou ella)
«Quero tirar-te o bruxêdo.»

Eu lá fui atraz da velha
Pr'a casa das talhações:
Era um aido muito escuro
E tinha dois lampeões.

Sentou-me numa tripeça
Com os pés numa peneira
E depois de arrotar muito
Arengou desta maneira:

«Põe-te fóra, mau arejo:
«Onde estás que te não vejo?
«Em louvor de S. Silvestre
«Diz-me d'onde é que vieste.

«Deixa a pobre creatura
«Que inda está pouco madura.
«Vae-te pró monte pedral
«Que anda lá muito animal.

«Eu t'arnégo, Brazabú!
«Afogado morras tu
«Nas ondas do mar cólhado,
«Se elle não tiver seccado.

«Eu te talho nas costellas,
«Na cabeça e nas canellas
«E no osso da suã.
«Amem. Stás melhor ou não?»

Pois, senhores, eu lhes digo:
Foi receita abençoada;
Porque á força de me rir,
«Fiquei de véras córada

«Já pareces uma Rosa
(Disse a bruxa envaedecida)
«Agóra tem mão no riso,
«Senão pões-te denegrída.»

Na verdade eu ri-me tanto
Que é preciso que lhes diga
Que fiquei boa da côr,
Mas doente da barriga.

NOTICIARIO

Tempo

Continua fazendo um tempo
explendido, tendo sido, as gentis
vareiras, mimoseadas, durante os
dias, com um calorsinho, que
lhes regala o coração, e que, pon-
do-lhes as suas faces mais cora-
dinhas, as torna mais tentadoras
e as faz valer mais uma certa
quantia.

amor-proprio d'alguem é muito
feio; mas offender Socrates seria
um crime que eu não perdoaria a
pessoa alguma.

Socrates estendeu-lhe a mão e
o abraçou.

Aristipppo travara estreitas re-
lações d'amizade com Eschines,
seu condiscipulo na escola de So-
crates; houve uma questão entre
os dois; e o erro era de Eschines.
Depois de alguns dias de indiffe-
rença, Aristipppo aproxima-se do
seu amigo e diz-lhe:—«Não nos
reconciliaremos deixando de ser
injustos?»

—O teu proceder, Aristipppo,
prova me que vales mais do que
eu, e que tens melhor coração;
porque fui eu que parti os laços
d'amizade, e és tu que os reatas.

Para Aristipppo, o dinheiro não
tenha outro merito senão o de pro-
porcionar o bem estar; pedindo
quantias enórmes pelas lições, elle
as recebia com uma das mãos, e
as dava com a outra. A sua ex-
cessiva liberalidade degenera mui-
tas vezes no desprezo do ouro.
Durante uma viagem notou que o
peso d'um sacco de dinheiro fazia
curvar o seu escravo:

—Leva só o que poderes sem
fatiga e o outro deixa-o no cami-
nho. O escravo executou logo a or-
dem do amo; e continuaram a sua
jornada, Aristipppo satisfeito como
antes, e o creado pasmado da in-
diferença do philosopho.
(Continúa). C. M.

As noites, porém, têm-lhes si-
do tormentosissimas, muito frias,
o que faz apoderar-se-lhes do es-
pirito a ideia do—Matrimonio,—
segundo dizem.

Todavia é da nossa opinião
que não são necessarias as nou-
tes frias, para ellas pensarem
n'isso; pois podemos afañar e
até jurar que, mesmo a dormir
não pensam n'outra cousa.

Soccegae,.... dinhas! que, o
que de vós fôr, á mão vos virá.

PESCA

O resultado da pesca, na Costa
do Furadouro, melhorou conside-
ravelmente,este mez, tendo havido
lanços de 100\$000 a 1.200\$000
reis.

O tempo primaveraíl e o mar
vomitando ouro, dão-nos a doce
esperança de um—Anno de ro-
zas.

Oxalá assim seja.

**CAMINHO DE FERRO DO VALLE
DE VOUGA**

Effectuou-se, na 2.ª feira, o
deposito de 50 contos de reis da
garantia exigida á companhia
concessionaria do Caminho de
Ferro do Valle de Vouga.

Espera-se, esta semana, em
Lisboa, M.ª Chatelier, para assi-
gnar o contracto definitivo com o
governo.

Mensagem política

De Aveiro foi no domingo a
Lisboa uma commissão composta
de alguns membros mais gradua-
dos da Concentração-liberal en-
tregar ao nobre Presidente do
conselho de Ministros, sr. conse-
lheiro João Franco, uma mensa-
gem de aplauso e adhesão á obra
do governo, firmada por mais de
600 assignaturas, todas de gente
de respeitabilidade e influencia
partidaria.

Depois de feita a entrega, to-
da a commissão foi a casa do sr.
conselheiro José Luciano de Cas-
tro, á rua dos Navegantes, apre-
sentar as suas homenagens ao ve-
nerando estadista.

E á noite o nosso querido ami-
go, sr. Conde de Agueda, offere-
ceu aos cavalheiros que a consti-
tuam um magnifico jantar, a que
tambem assistiram o sr. Leopoldo
Machado, governador civil d'este
districto, e o sr. conselheiro Ago-
stinho de Campos, Director Geral
de Instrucção Publica.

N'este banquete, que se reali-
sou no Hotel de l'Europe, troca-
ram-se brindes politicos, cheios
de sinceridade e de enthusiasmo,
demonstrativos da harmonia e in-
telligencia existentes entre os ho-
mens que, no districto de Aveiro,
preponderam nos dois partidos con-
centrados.

DIA DE REIS

Nas noutes, da vespera e dia
de Reis appareceram pelas ruas
da villa, além de outras, a «Trou-
pe Estrella Polar» e a da philar-
monica «Ovarense», andando to-
das sempre acompanhadas de bas-
tante gente.

Todas se portáram á altura, e
as garrafas, d'esta vez, levaram
um d'aquelles rombos de se lhe
tirar o chapéu.

A proposito queixam-se-nos
de que apparecêra uma garrafa
que pelo rotulo parecia ser um vi-
nhão mas que, depois de aberta,
se verificou ser... outra couza,
que se assemelha na côr, mas que
... não se bebe.

De quem será?!...

MARTYR S. SEBASTIÃO

Conforme annunciáramos, rea-
lisar-se-ha, no proximo domingo,
a festividade em honra do Martyr
S. Sebastião, na sua capella, sita

no Largo d'Almeida Garrett, (Es-
tação).

De manhã haverá missa sole-
mne a grande instrumental pela
phylarmonica «Ovarense», sermão
ao Evangelho pelo Rev.º P.º Bor-
ges, d'esta villa, e de tarde ar-
raial.

THEATRO

Representou-se no domingo o
drama sacro «O Santo Antonio»
e, na 5.ª feira «As Duas Orphãs»
que teve uma casa á cunha.

desempenho, escusado será
dizer que foi correctissimo, como
de costume.

Hoje sobe, pela 2.ª e ultima vez
á scena, o drama «A Falsa Adul-
tera».

EDITAL

**A Junta das Matrizes do con-
celho d'Ovar.**

Faz publico em cumprimento
do disposto no art.º 320 do regu-
lamento de 25 de Agosto de 1881,
que se acha constituida e que den-
tro de 30 dias contados do imme-
diato ao da publicação do presen-
te edital, se recebem na respecti-
va repartição de fazenda as decla-
rações que os contribuintes tive-
rem por conveniente fazer acerca
das alterações occorridos no seus
predios depois do encerramento
das matrizes por transição do an-
no anterior.

Quando a declaração de qual-
quer contribuinte poder importar
alteração para menos no rendi-
mento collectavel d'algum predio,
requerirá logo e em separado da
declaração, que sendo, processo
especial de avaliação do mesmo
predio indicando o nome e mora-
da do avaliador que deve repre-
sentar-o no acto da nova avalia-
ção.

No mesmo requerimento podem
ser comprehendidos diversos pre-
dios do mesmo contribuinte, com
tanto que se faça a mais minucio-
sa individuação de cada predio e
de cada uma das circunstancias
que a cada um respeitar.

E para que chegue ao conheci-
mento de todos se passou o pre-
sente e outros do mesmo theor que
vão ser affixados nos logares do
costume.

Repartição de fazenda do con-
celho d'Ovar, 2 de Janeiro de 1907.

O Presidente da Junta

Carlos Ferreira Malaquias

EDITAL

**Francisco Joaquim Nogu-
ira Jun'or. Escrivão de Fa-
zenda, do concelho d'Ovar etc.**

Faz publico em cumprimento
do disposto no § 1.º do art.º 81
do regulamento de 16 de Julho de
1896, com observancia do art.º 25,
§ 1.º, n.º 1 do regulamento de 2
de novembro de 1899, que durante
o mez de Janeiro proximo se re-
cebem na Repartição de Fazenda
d'este concelho as declarações a
que são obrigados os proprietá-
rios, usufructuarios, rendeiros ou
possuidores de predios urbanos
ou de factos sumptuarios para os
effeitos das contribuições de ren-
da de casas e sumptuaria, e bem
assim as declarações que quize-
rem prestar os contribuintes su-
jeitos á contribuição industrial.

O proprietario ou possuidor do
predio deve declarar:—1.º o predio
que arrendou, rua, local e freguezia
em que está situado e o seu nu-
mero, se o tem; 2.º—Se o predio
é todo arrendado a um individuo
ou em divisões a diversos, e, em
qualquer dos casos, o nome do
arrendatario ou arrendatarios e a
parte por cada um d'estes arren-
dada; 3.º quando começa e quan-

to termina o arrendamento de to-
do o predio ou suas divisões; 4.º
a importancia da renda de todo o
predio ou de cada parte arrenda-
da. O arrendatario declarará: 1.ª a
quem pertence o predio e sua si-
tuação; 2.º quando começa e ter-
mina o arrendamento; 3.º O valor
da renda. De cada predio dar-se-
ha uma relação especial. O pos-
suidor de factos sumptuarios deve
declarar qual o numero de crea-
dos, cavallos ou vehiculos que
possuir e se estes são de 2 ou 4
rodas para 1 ou 2 cavallos e
quantos estão desmontados.

Os que deixarem de prestar
estas declarações, que são isen-
tas do imposto do sello, perdem o
direito de reclamar ordinaria ou
extraordinariamente contra as col-
lectas que lhes forem lançadas,
e os que simularem os preços dos
arrendamentos incorrem na pena
do art.º 87.º do segundo dos cita-
dos regulamentos. As declarações
referentes á contribuição indus-
trial são tambem em papel com-
mum e deverão ser feitas nos
termos dos art.ºs 2 a 88.º, inclu-
siv, do respectivo regulamento.

E para constar se passou o
presente e outros de igual theor,
que vão sêr affixados nos logares
do costume.

Repartição de Fazenda do Con-
celho d'Ovar, 27 de dezemb o de
1907.

O escrivão de Fazenda

Francisco Joaquim Nogueira J.º

AGRADECIMENTO

A familia e parentes da falle-
cida D. Maria Barbosa Rifa da
Gama e Quadros, na impossibili-
dade de o fazer pessoalmente,
vem por este meio agradecer a
todas as pessoas que lhes apresen-
taram cumprimentos de condo-
lencias, e acompanharam a mes-
ma fallecida á sua ultima morada,
protestando, a todas o seu mais
elevado reconhecimento e grati-
dão.

Maria Barboza da Gama e Qua-
dros.

Maria Emilia Barbosa de Qua-
dros e Almeida.

Felicidade Augusta da Gama Ba-
ptista.

Helena d'Albuquerque de Quadros.

Bernardo Barbosa de Quadros

José Barbosa de Quadros

José Antonio d'Almeida.

Frederico Ernesto Carmarinha

Abração.

João d'Oliveira Baptista.

EDITAL

**Nova officina de Carpin-
teria e merceneria**

R. DOS CAMPOS — OVAR

O proprietario d'esta officina
participa, aos seus amigos e ao
publico em geral, que se encarrega
de executar, com a maxima
perfeição e modicidade de preços,
todas as obras, que dizem respei-
to á sua arte.

Grande sortimento em malas.

Manoel Lopes (Palavra.)

EDITAL

**A Junta dos Repartidores do
concelho d'Ovar para o an-
no civil de 1907, etc.**

Faz publico, em observancia
do que dispõe o art.º 56.º do regu-
lamento de 16 de Julho de 1896,

que se acha installada para todo
os effeitos legais.

E para constar se lavrou o pre-
sente e outros de igual theor, que
vão ser affixados nos logares do
costume.

Repartição de Fazenda do con-
celho d'Ovar, 31 de dezembro de
1906.

O Presidente

João José Alves Cerqueira

A Estação

Jornal illustrado de Modas para
Senhoras publicando annualmente:

24 numeros de 8 paginas,
illustrados com mais de
2000 gravuras represen-
tando artigos de toilette
para senhoras, roupa
branca, vestuarios para
crianças, enxovias, roupa
branca e vestuarios para
homens e meninos, atoa-
lhados, objectos de mobi-
lia, adorno de casa, etc.
todo o genero de trabalho
de agulha, bordado branco
e a matiz a ponto de marca, deornatos, costura
ou renda, pontos em claro sobre renda, cam-
braia ou filô, renda irlandeza, bordado em filô,
crivos — todo o trabalho de tapeçaria, tricot,
crochet, frivolité, guipure, ponto atado, renda
de bilro — flores de papel, panno, pennis,
finalmente mil obras de fantasia que seria
longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minu-
ciosamente descreve e explica todos esses
desenhos, ensinando o modo de executar os
objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de
numerosos monogramas, iniciaes e alphabets
completos para bordar em relevo ou a ponto
de marca, 200m. les pelo menos, em tamanho
natural, completados, segundo as necessidades
com moldes reduzidos indicando claramente
a disposição das partes de que se compõe o
modelo e mais de 400 desenhos de bordado
branco, matiz, soutache, etc. Cumpre notar-se
que essas folhas comparadas ás de qualquer
outro jornal são-lhes muito superiores, pois
que em igual superficie publicam tres ou
quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosa-
mente a aguarella por
artistas de merito em for-
mato igual ao do jornal
Para prova da supe-
rioridade incontestavel
d'essa publicação e verifi-
cação de que realmente
os seus 24 numeros e 12
folhas de moldes con-
têm maior quantidade
de modelos do que outro
qualquer jornal de mo-
das, enviar-se-ha gratui-
tamente um numero spe-
cimen a quem o pedir
por escripto.

Assigna-se em todas
as livrarias, e na de
ERNESTO CHARDRON — Porto.
Principia no dia 1.º de qualquer mez

PREÇO EM TODO O REINO:
Um anno 4\$000
Seis mezes 2\$100
Numero avulso 200

EPILEPSIA OU ACCIDENTES NERVOSOS
ha 20 e 30 annos. Pa a mais detalhes de-se gratis prospectos na rua Duque d'Alba, 15, Madrid. A vendita nas principaes pharmacias de Hespanha, Cuba, Porto-Rico, Mexico, Canarias e Filipinas, No Porto, Pharmacia Ferreira & Irmao, Caixa 1\$000 reis; pelo correio 1\$020 reis

Non se duvide da Cura, por mais antigo que seja o padeci-
mento, das enfermidades Nervosas, consideradas
incuraveis com as pastillas Anti-epilepticas de
OCHOA, pharmacien, cuyos pro-
digiosos resultados são a ad-
miração d'os que pa-
deciam de

**Novo officina de Carpin-
teria e merceneria**
R. DOS CAMPOS — OVAR

O proprietario d'esta officina
participa, aos seus amigos e ao
publico em geral, que se encarrega
de executar, com a maxima
perfeição e modicidade de preços,
todas as obras, que dizem respei-
to á sua arte.

Grande sortimento em malas.

Manoel Lopes (Palavra.)

ASSIGNEM



O ALBUM de COSTUMES PORTUGUEZES

ESTAÇÃO FRIORENTA

Depois da quadra d'estio,
Em que a gente andava a arder,
Entrámos agora no frio;
E o que havíamos nós de fazer,
Se não nos valesse o Luzio?...

C'o... nariz sempre a pingar,
Quando, pois, ninguém julgava
De a isto vir a chegar,
Quem elle então acalmava
Tem que agora acalorar.

Deixae-me portanto dizer,
A vós meninas com brio:
—Não vos deveis esquecer
D'entoar «Gloria ao Luzio»!...
Que é quem vos hade... aquecer.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender
Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DR
VICTORINO TAVARES LISBOA

N. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

EXTRACTO DO CATALOGO

DAS
Obras á venda no BAZAR FENIANO
DE

ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

Continuação do Catalogo do Bazar Feniano

Verdadeira significação dos sonhos..	60
Rei das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões.	60
Historia dos dois compadres	60
Historia do Cura e Sacristão	60
Historia de Roberto do Diabo (verso)	66
Historia da Donzella Theodora (verso)	60
Historia do Barba Azul	60
Serenatas ao luar	60
Livro de S. Cypriano	200
A arte de namorar (prosa)	80
A Musa dos Namorados (verso)	60
Gato de Botas	60
Gata Borracheira	60
Um abbade em calças pardas	60
As botas de sete leguas	50
Historia do Feiticeiro de Bronze	60
Historia da Massaroca d'Anastacio	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho.	60
Historia da Princeza Clotilde.	60
O abbade da Ramaldeira	60
Os amores de Laurinha	60
O Jardim Infernal	60
João de Calais (verso)	60
A Mariquinhas padeira.	60
Carlos Magno (versos)	60
A Burrinha magica.	60
A B C dos namorados	60
Princesa Magalona (verso).	60
Imperatriz Porcina (verso)	60
Bertoldinho (verso)	60
A formosa Mathildinha.	60
Historia da encantadora Mercedes	60
Historia da Princeza Leonor	60
» do Gaiteiro e a Velha das noses	60
» das Aventuras d'um Sacristão	60
» do João das Moças	60
A martyr da Honra.	60
A filha Maldita	60
Historia do Conde Redondo	60
O Fradinho Atiradiço	60
O Conde de Monterey	60
Historia de João Urso	60

Porto—Typ. Peninsular—Rua de S. Chrispim, 18 a 28

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO.